



As Linhas em Torres Vedras

Francisco Sousa Lobo

1. Geografia Militar e Fortificação

Estamos aqui situados, em Torres Vedras, numa das Posições mais importantes das Linhas de Defesa a Norte de Lisboa, construídas entre 1809 e 1814, sob orientação inglesa no âmbito do Exército Aliado, que então se opunha aos franceses. Apesar de Portugal ter, formalmente, um exército próprio, o seu Comandante, o Marechal Beresford, tinha uma dupla dependência: reportava-se às autoridades portuguesas na vertente político-militar, enquanto que na componente operacional militar se subordinava ao Comandante do Exército Aliado, Wellington.

A imagem de Torres Vedras, na Figura 1, executada no âmbito dos reconhecimentos militares feitos pelos alunos da Escola do Exército ¹ em meados do século XIX, revela-nos a povoação cujo nome foi utilizado pelos ingleses para designarem as Linhas a Norte de Lisboa. John Jones, o “cronista” das Linhas, diz-nos que estas passaram a ser assim nomeadas porque as obras de construção das Posições Avançadas, embora tenham começado na Serra do Alqueidão em 6 de Novembro de 1809, junto do Sobral de Monte Agraço, só eram evidentes em Torres Vedras por decorrerem na povoação, onde tiveram início dia 8 do mesmo mês, sob a orientação do Capitão Mulcaster.² De facto, sendo a construção das Linhas uma obra que se desenvolveu com discrição, os trabalhos na vila eram visíveis pela população ou por forasteiros transitando nas Calçadas Reais que atravessavam a localidade.

Quem visse os trabalhos em Torres Vedras não tinha a menor ideia das obras que vieram a constituir as Linhas. A Figura 1 só nos apresenta duas estruturas (o Castelo e o Forte de S. João) das seis que foram construídas para defesa imediata da vila, constituindo a Posição Avançada de Torres. É de salientar, na imagem, a largura do Rio Sizandro, comparada com as estradas da zona, que nos revela o ponto fraco da defesa de Torres Vedras. O *Forte de S. Vicente*, situado a Norte, estava isolado da vila por um obstáculo que, em caso de cheia, poderia ser um grave problema.

¹ A Escola do Exército foi fundada em 1837, substituindo a Academia Real de Fortificação Artilharia e Desenho, criada em 1790. Desde 1959 é designada por Academia Militar.

² JONES, John - *Journals of sieges carried on by the army under the Duke of Wellington in Spain, during the years 1811 to 1814 ; with notes and additions : also Memoranda relative to the lines thrown up to cover Lisbon in 1810.* 3rd ed.. London: John Weale, 1846. vol. 3. p. 18.

Durante a construção das Posições em Torres Vedras houve um grande corte de pinheiros, que foram utilizados na construção de paliçadas e outras obras acessórias. As árvores que se vêem na Figura 1 teriam por isso, no máximo, cerca de quarenta anos.

Para se estudar as Linhas em Torres Vedras será indispensável comparar as estruturas fortificadas construídas em Torres Vedras com as das outras Posições Avançadas das Linhas a Norte de Lisboa, estudadas para dar resposta à concepção geral proposta pelo Comandante do Exército Aliado em 20 de Outubro de 1809.³ Wellington indicou, nesse *Memorandum*, “...as primeiras ideias de um sistema de defesa que foi aperfeiçoado em seguida, e que acabou por se tornar nas Linhas de Torres Vedras.”⁴ O documento propunha em vinte e um pontos, aproveitando a Geografia Militar da zona, desenvolver uma série de acções de Organização do Terreno. Estas consistiam em trabalhos de: construção de posições entrincheiradas, redutos, baterias, estradas e represamentos de rios; destruição em pontes e estradas; execução de relatórios sobre troços de estradas na zona e levantamentos do terreno.

Os trabalhos sugeridos por Wellington situavam-se nas Posições Avançadas de Castanheira/Cadafais, Arruda, Sobral e Torres Vedras; na Posição Intermédia do alto da Ajuda, entre Sobral e Bucelas; e nas Posições Recuadas de Montachique, Alhandra, Serra de Serves e Bucelas. Os reconhecimentos das estradas referiam-se aos acessos que, vindo de Norte, acediam a Torres Vedras e ao Sobral de Monte Agraço. Os represamentos, a estudar, localizavam-se na Castanheira, na zona de Alhandra, e junto de Loures.

1.1 - Caracterização das Posições Avançadas

Os três locais sugeridos por Wellington no documento de trabalhos enviado ao seu Comandante da Engenharia, para tentar retardar e desgastar o Exército Francês, afiguravam-se como vantajosos para a defesa. Careciam, no entanto, de trabalhos de Fortificação e Organização do Terreno para garantirem a eficácia desejada. Para isso, tinha que se atender a cinco factores fundamentais, que deveriam interagir entre si:

- **Ocupar os pontos importantes**, as posições no terreno que davam clara vantagem a quem as detivesse. A partir desses locais possuía-se uma capacidade de observação superior à do adversário e posições de tiro mais convenientes. A ocupação de alguns pontos importantes podia ser feita só para evitar que o inimigo os pudesse utilizar, mesmo que para a manobra da defesa não fossem especialmente vantajosos.

³ *The dispatches of field marshal the Duke of Wellington, during his various campaigns in India, Denmark, Portugal, Spain, the Low Countries, and France.* Compil. John Gurwood. London: John Murray, 1838. vol. 5, p. 230-235.

⁴ JONES, John - *Id.*, p. 115.

- **Interditar os itinerários** consistia na acção mais vantajosa para dificultar a progressão do inimigo, porque as tropas estavam vocacionadas para se deslocarem em coluna de marcha, que integravam a infantaria, a artilharia e os carros. Só a cavalaria estava preparada para se deslocar, de uma forma ágil, em todo o terreno. A infantaria também poderia progredir em corta-mato, mas a velocidade de deslocação seria menor e a capacidade de manobra ficava condicionada pelo terreno e cobertura vegetal. A carga que cada soldado de infantaria transportava seria menos penosa numa caminhada ao longo dos itinerários, que permitiam uma regularidade da cadência de marcha.
- **Executar destruições** era um dos aspectos essenciais da Organização do Terreno para criar dificuldades ao adversário. As mais correntes correspondiam a anular um troço da estrutura de pedra e enxelharia nas pontes ou de uma passagem a meia-encosta ou entre barreiras, nas estradas, criando uma zona de difícil transposição. Quando batida pelo fogo, essa descontinuidade ganhava eficácia.
- **Bater pelo fogo alvos seleccionados** a partir das posições da artilharia, nas plataformas dos fortes, redutos e baterias, permitia retardar o adversário ou mesmo detê-lo. A sua imobilização aumentava-lhe a vulnerabilidade. Os alvos mais correntes foram determinadas passagens como seja o caso das pontes ou vaus, cruzamentos e entroncamentos de estrada, e também caminhos de acesso às posições defensivas.
- **Evitar o contornamento** pela interdição das áreas que ameaçavam as posições defensivas, recorrendo especialmente às inundações por represamento dos rios e ribeiras. A criação de zonas pantanosas foi suficiente para criar grandes dificuldades ao adversário. Também foi concebido este factor através da localização judiciosa do exército de manobra, apoiada por linhas de abatizes e posições de tiro a partir de edifícios fortificados e dos muros das propriedades, muito característicos da zona a Norte de Lisboa no início do século XIX.

1.2- Das Posições Avançadas à 1ª Linha de Defesa

Os trabalhos nas Posições Avançadas e de Alternativa, na retaguarda, sugeridos por Wellington, evoluíram de forma diferenciada. Recebida a ordem pelo Tenente-Coronel Richard Fletcher, Comandante dos *Royal Engineers*, este oficial deu seguimento imediato e, nos dias subsequentes, ter-se-á ocupado a estudar os aspectos mais prementes. Foi assim que, ao mesmo tempo que se procurava iniciar os trabalhos na frente (Castanheira, Sobral e Torres Vedras) e no ponto de embarque, se estudavam com detalhe as Posições na Retaguarda (nas serras de Serves e Montachique).

- **Início da construção das posições avançadas nos finais de 1809** - As obras começaram com a limpeza dos locais onde se iam localizar os fortes enquanto se estudavam os traçados das fortificações. Os primeiros trabalhos iniciaram-se na Serra do Alqueidão, a Sul de Sobral de Monte Agraço, com a construção do Grande Reduto, que abraçou o cume da Serra numa posição de contra encosta em relação à via de comunicação Sobral/Bucelas que tinha como missão interditar.
- **Alteração da Directiva em Fevereiro de 1810** - Nesse mês, após a visita de Wellington aos trabalhos na companhia de Fletcher, inicia-se a construção das Posições de Retaguarda, em Mafra e Montachique. As Posições da Retaguarda começavam a criar a possibilidade de controlar as passagens nos desfiladeiros, ravinas e vales, que acediam às baixas da Granja do Marquês e de Loures. Foi fortificado o cume da Serra de Chipre onde a estrada Torres/Mafra se aproximava da Tapada fazendo nessa zona um caminho no fundo da encosta da Serra numa longa passagem apertada. Em Montachique foi também fortificado o início do desfiladeiro a norte do Cabeço na estrada Torres/Montachique.
- **Reforço das posições avançadas no Verão de 1810** - Em 1 de Julho de 1810 tinham sido construídos 108 fortes correspondentes às posições avançadas de Torres Vedras, Sobral de Monte Agraço, do ponto de embarque em Oeiras e das posições recuadas em Mafra, Montachique e Bucelas. Wellington toma a decisão de reforçar as defesas na zona avançada e constroem-se novos redutos na esquerda de Torres Vedras entre esta vila e o mar. Em Alhandra constroem-se uma série de fortes na Serra entre a Subserra e o vale do Bulhaco constituindo um sector central para controlar o cume das alturas de Alhandra.
- **Na pressão do frente a frente** - Wellington indica, em 6 de Outubro de 1810, qual era a formação dos Distritos Militares da 1ª e 2ª Linhas, numerando-os do mar para o rio, na frente, e do rio para o mar, na retaguarda. O futuro veio demonstrar como esta versão das Linhas era provisória, de acordo com o espírito de Wellington. De facto, a 1ª Linha tinha grandes fragilidades porque era descontínua. Com os exércitos frente-a-frente, iniciou-se de imediato a construção de novas obras nos Distritos de Torres Vedras, Sobral, Alhandra e Bucelas. Ao fim de poucas semanas, começaram os trabalhos de Almada à Caparica.
- **Complemento da Fortificação em 1811** - Tendo sido constituídos os distritos militares de Torres Vedras, Sobral de Monte Agraço, Alhandra, Bucelas, Montachique e Mafra em Outubro de 1810, havia que consolidar a primeira linha de defesa. O maior reforço aconteceu no Distrito Militar de Torres Vedras com a construção dos fortes 131 a 148, na esquerda entre Torres e o mar, 149 na Ordasqueira.

Consolidaram-se também os fortes iniciados no final de 1810 na Serra da Archeira que tomaram os números 128 e 130. O forte 129 foi construído posteriormente.

- **Consolidação das Estradas Militares até 1814** - As estradas militares que tinham sido esboçadas na retaguarda da primeira linha de defesa durante a construção das posições foram sendo calcetadas e terminadas por fases. Entre Alhandra e Sobral de Monte Agraço o calcetamento estava muito adiantado no final de 1810. Iniciou-se depois a ligação entre o forte do Alqueidão e as posições defensivas na esquerda do Sobral. A estrada passava no Forte da Patameira e passando na Mata da Guerra encaminhou-se para a Serra da Archeira. Estes trabalhos foram realizados no ano de 1811, prolongando-se pelo ano seguinte na direcção do mar. As posições defensivas do troço final da Foz do Sizandro ficaram servidas por ramais que derivavam da estrada militar que acabava nas posições defensivas sob a praia da foz.

2. Identidade dos Distritos

Alhandra ⁵ - Os sistemas defensivos iniciais

- **Interditar a passagem entre a Serra e o rio - Alhandra, das terras baixas à Serra** - a defesa de Alhandra conheceu a maior evolução dentro de todo o sistema fortificado das Linhas de Torres Vedras. No *Memorandum* de 20 de Outubro de 1809 Wellington referia a possibilidade de se estudarem algumas posições na direita, na esquerda e na retaguarda da Serra de Alhandra. Essa zona foi estudada pelos engenheiros militares na fase inicial como uma alternativa à Posição Avançada de Castanheira. A partir de Fevereiro de 1810 quando Wellington decide abandonar os trabalhos que estavam a decorrer alguns quilómetros a Norte de Alhandra, junto a Castanheira, há uma mudança em relação à importância da defesa das terras entre a Subserra e o Tejo. O Vale do Bulhaco ganhou também interesse porque passou a ser um corredor de penetração alternativo à Estrada Real que fazia caminho na borda de água.
- **Obras: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8** - Na Primavera de 1810 somente oito obras foram construídas para dar corpo à defesa da Posição de Alhandra. Na direita da Serra tinha sido construída a *bateria de tiro 1* junto à Calçada Real nas terras baixas, outra na encosta do Monte da

⁵ Veja-se o esquema do terreno do Distrito Militar de Alhandra na Figura 2.

Boavista, com o número 2; um forte no alto da Boavista, o 3, à cota de 80 metros e, um pouco mais acima, na Subserra uma Bateria de Tiro, o 4. No extremo oposto da Serra, um forte a bater a entrada do Vale do Bulhaco; uma bateria mais à retaguarda, a bater o Vale da Calhandriz; uma posição na Serra da Calhandriz, a bater o entroncamento de estradas junto da Calhandriz onde um ramal da estrada que ligava o Bulhaco a Mato da Cruz seguia para Alverca.

- **Controlar a Penetrante do Bulhaco** - Esta penetrante secundária na esquerda da Serra de Alhandra permitia contornar as posições defensivas da direita da Serra junto à Calçada Real. A partir da estrada Alhandra/Arruda havia uma passagem entre a Serras do Formoso e do Pinheiro que levava à Quinta do Bulhaco. Pela direita subia-se às alturas de Trancoso avançando por uma plataforma em planalto que conduzia a Santiago dos Velhos e à Senhora da Ajuda. Pela esquerda descia-se ao longo da Ribeira de Calhandriz por uma estrada em terra que conduzia a Alverca ou a Mato da Cruz. A opção dos itinerários era feita junto ao Lugar da Calhandriz. Esse local podia ser batido pelo fogo a partir do *Forte 7*. Esta penetrante secundária estava mal defendida porque o *Forte 5* batia mal a gola do vale, e o *Forte 8* estava muito recuado batendo unicamente o caminho ascendente pelo Vale de Trancoso.
- **Defender os pontos dominantes da Serra e seus acessos** - No Verão de 1810, com os franceses prestes a entrar em Portugal, Wellington tomou a decisão de mandar reforçar as frágeis posições defensivas de Alhandra. Foram, então, construídos os fortes nos altos que ligavam a Subserra à Serra do Formoso (114, 115, 116, 118 e 119). Em seguida, reforçou-se a defesa do acesso ao Vale do Bulhaco e, em Setembro, no seu prolongamento, o Vale da Calhandriz.
- **Traços de Identidade** - As posições de Alhandra construídas na Primavera de 1810, constituíam um sistema defensivo muito frágil que não tinha poder de fogo nem obstáculos suficientes para barrar a progressão do Exército Francês. A sua estrutura só se podia compreender se um exército de manobra com potencial de combate equivalente ao que tinha sido previsto para Castanheira se instalasse na zona de Alhandra. Os pontos dominantes da Serra não estavam fortificados, as terras baixas dos sapais podiam ser transpostas pela infantaria inimiga e o contornamento do Vale do Bulhaco era muito provável.

Sobral de Monte Agraço ⁶ - Os sistemas defensivos iniciais

⁶ Veja-se o esquema do terreno do Distrito Militar do Sobral de Monte Agraço na Figura 3.

- **Sobral, o Alqueidão sobranceiro** - A posição defensiva da Serra do Alqueidão com cotas que rondavam os 400 metros, sendo uma zona dominante e muito central entre o Tejo e o mar. A partir dessa plataforma havia uma grande capacidade de vigilância dum imenso território entre o Rio Tejo e o oceano. A Serra era fácil de defender devido à sua conformação com ravinas profundas em torno de uma plataforma superior que tinha espaço para instalar uma ou duas divisões aliadas. À sua direita na direcção nascente ficava o Vale da Arruda onde andava a estrada que ligava Alhandra e Vila Franca à pequena Vila do Sobral de Monte Agraço. Na esquerda desse Vale fazendo o percurso ascendente a partir da Arruda na direcção do Sobral, ficavam uma série de vales secundários que acediam às alturas da Serra da Carvalha, de São Romão e da Louriceira que permitiam progredir até à Senhora da Ajuda e tomar a estrada para Bucelas.
- **Obras: 12, 13, 14, 15, 16, 17** - Na fase inicial a partir de 6 de Novembro de 1809 foi construído o *Forte 14* que era a posição principal. Na sequência desta obra construíram-se os três fortes que o complementavam (*15, 16 e 17*) permitindo linhas de tiro flanqueantes para controlar o acesso ao alto da Serra.
- **Interditar a estrada do Sobral para Bucelas pela Serra de Alrota** - A estrada subia a encosta da Serra do Alqueidão passando na Seramena e em seguida junto ao Forte Grande do lado nascente. Este percurso era batido em tiro directo pela artilharia da defesa e lateralmente pela infantaria, que se podia movimentar tomando as posições convenientes.
- **Controlar o itinerário do Sobral para Arruda** - A progressão ao longo da estrada da Arruda era controlada pela artilharia dos Fortes *11, 12 e 13* na zona ligeiramente ascendente onde abriam os Vales da Louriceira e Caneira.
- **Base de Operações na Serra do Alqueidão apoiada em quatro fortes** - O conjunto dos quatro fortes da Serra do Alqueidão ou do Sobral correspondiam a um sistema defensivo concentrado e auto-suficiente. Esta posição podia aguentar um ataque directo do Exército Francês. Isso não chegou a ocorrer porque a estrutura defensiva era tão poderosa que os combates se travaram com o exército de manobra no fundo das encostas voltadas à Seramena e São Quintino.
- **Traço de Identidade** - A Posição Avançada do Sobral, ancorada na Serra do Alqueidão, constituía um maciço muito poderoso, de difícil ocupação por parte do inimigo. A sua direita

foi protegida pelo controlo dos cinco pontos importantes, que dominavam os morros ao longo do lado Sul do Vale da Arruda. A estas duas zonas, Serra do Alqueidão e Vale da Arruda, tomadas globalmente, foi adicionada uma outra, na esquerda, para defender os acessos pela Zibreira e pelos vales na zona da Patameira.

Torres Vedras ⁷ - Os sistemas defensivos iniciais

- **Torres Vedras, defesa contra a doutrina** - O sistema defensivo inicial previa unicamente oito obras, tendo o conjunto das três primeiras sido concentrado num único forte no alto da Colina de São Vicente. Esta posição defensiva era complementada, do outro lado da estrada que acedia a Torres vinda do norte por um forte situado no Alto da Forca. Esta colina a nascente da Colina de São Vicente era dominada pela posição principal onde foi construído um forte grande reunindo os três redutos iniciais (20, 21 e 22). Esta posição defensiva era complementada com o Forte 24 Olheiros. A Vila de Torres situava-se a sul deste conjunto fortificado situado na margem direita do Rio Sizandro quando a Vila se encontrava na margem oposta. Este sistema defensivo era contra a doutrina porque no Inverno o rio transbordava sendo difícil socorrer os Fortes de São Vicente, Foca e Olheiros. Wellington e Fletcher procuraram encontrar uma solução posicionando um forte com contingente de tropas a norte, na margem direita do rio.
- **Obras: 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32** - No fim da Primavera de 1810 para além das posições defensivas que constituíam a Posição Avançada de Torres Vedras só três outros fortes se situavam na zona. Colocavam-se em pontos estratégicos para controlar os atravessamentos do Rio Sizandro no troço entre Torres Vedras e a Foz. Os Fortes 30, 31 e 32 estavam bastantes distantes uns dos outros sendo insuficientes para controlar o troço do rio em que situavam.
- **Defesa do nó de Torres Vedras em que convergem cinco estradas** - A vila era o ponto de convergência de cinco itinerários. Para norte a Calçada Real além de conduzir às povoações costeiras, conduzia às Caldas da Rainha com ligação para outros destinos a norte. Para nascente outra Calçada Real ligava ao Sobral de Monte Agraço passando por Runa e pelo entroncamento eu ligava a Merceana e Alenquer. Para sul duas estradas conduziam a Lisboa. Saindo de Torres Vedras, na esquerda tomava-se o caminho que passava por Montachique e na direita o itinerário que passava por Mafra. Tomando a estrada para poente podia-se alcançar a

⁷ Veja-se o esquema do terreno do Distrito Militar de Torres Vedras na Figura 4.

Foz do Sizandro ou inflectir para sul pelos caminhos costeiros até alcançar a Picanceira junto à foz do Rio de São Lourenço, hoje dominado Safarujo.

Os confrontos armados

Confrontos em Alhandra

- O Combate de 14 de Outubro 1810

As tropas Francesas tentaram progredir ao longo da Estrada Real que, passando na Quinta das Torres, conduzia a Alhandra. A vila estava com as ruas bloqueadas por barricadas. Na sua frente, estavam as tropas da Divisão do General Hamilton, inteiramente constituída por unidades portuguesas. Cerca de 150 praças do Regimento de Infantaria 12, às ordens do Capitão Barbosa, repeliram com sucesso o ataque francês.⁸

- O Combate de 16 de Outubro 1810

Mais uma vez as tropas francesas tentaram forçar a passagem pela direita dos Aliados, num combate que, a avaliar pelos efectivos e meios empenhados, terá sido de maior dimensão que o anterior no mesmo local. Sob o comando do Capitão Thorton, aproximadamente 250 homens do Regimento de Infantaria 12 apoiados pelo Regimento de Artilharia 4, com pouco mais de 100 praças às ordens do Capitão Sousa Passos, foi possível levar a melhor sobre os atacantes.⁹

Confronto do Bulhaco

- O Combate de 28 de Outubro de 1810

Nesse dia, o Regimento de Infantaria 2 português, também da Divisão de Hamilton, empenhou cerca de 300 dos seus praças, sob o comando do Major Mc. Donald, numa acção bem sucedida para repelir mais uma tentativa de avanço francês.¹⁰

Confronto do Sobral

⁸ SEPÚLVEDA, Cristóvão Aires de Magalhães - “Mappas e relações preciosas das acções em que na Guerra Peninsular tomaram parte as forças portuguesas, e das perdas que n’ellas soffreram”. In *História organica e política do Exército Português. Provas*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928. vol. 11. p. 251.

⁹ SEPÚLVEDA - “Mappas e relações [...]”. In *Id.* p. 251.

¹⁰ SEPÚLVEDA - “Mappas e relações [...]”. In *Id.* p. 251.

- O Combate de 12 de Outubro de 1810

Junot deslocou-se ao Sobral no dia 12 de Outubro, onde os Aliados tinham os seus postos avançados. Desalojou com dificuldade os atiradores das suas posições, por falta de cavalaria. Atrás e à direita da aldeia encontravam-se doze batalhões aliados em armas. As forças de Junot entraram à mistura com os inimigos no Sobral, onde trocaram tiros durante algum tempo. Tropas aliadas desceram em socorro, mas os franceses aguentaram a pressão.^{11, 12}

- O Combate de 14 de Outubro de 1810

Os Postos Avançados da Divisão de Spencer tinham sido forçados a abandonar a Vila de Sobral no dia 12 de Outubro de 1810. Retiraram cerca de 200 a 300 metros para Sul e ocuparam uma posição no outro lado da ravina, que serve de fosso entre a vila e a encosta da Serra de Monte Agraço. Uma barricada construída na estrada pelo 71º Regimento britânico, próxima das linhas francesas, tinha sido a causa do combate. Junot fez avançar a sua artilharia para a frente do Sobral. Bombardeou a barricada durante algum tempo e lançou de imediato contra ela as Companhias francesas do 19º Regimento de Linha, apoiadas por tropas da Brigada de Menard, a que pertencia aquele regimento. Logo ao primeiro golpe tanto a barricada como a linha de muros de pedra, situados nos seus flancos, foram ultrapassadas. Mas, em resposta, todo o 71º Regimento britânico, com um contra-ataque violento, repeliu os assaltantes para a retaguarda da barricada e para o interior do alinhamento das casas que constituíam a orla da povoação. O ataque não foi renovado por decisão de Junot, com o conhecimento de Massena.¹³

Confronto do Sizandro

- O Combate de Dois Portos: 13 de Outubro de 1810

No dia seguinte à ocupação da vila do Sobral de Monte Agraço pelas tropas francesas e ao estabelecimento de piquetes na estrada que vai para Bucelas, ainda não tinha chegado ao contacto com os Aliados, a Divisão de Solignac, na baixa do Sizandro, entre Dois Portos e Caixarias. Ao tentarem ocupar o monte sobranceiro a este último lugar, os franceses verificaram que já se encontrava no local um

¹¹ MARBOT, Barão de - *Memórias sobre a 3ª. Invasão Francesa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006. p. 76.

¹² GREHAN, John - *The lines of Torres Vedras. The cornerstone of Wellington's strategy in the Peninsular War 1809-1812*. Staplehurst: Spellmount, 2000. XIV. p. 143-144.

¹³ OMAN, Charles - *A history of the Peninsular War*. Oxford: At the Clarendon Press, 1902-1930. vol. 3. p. 443.

batalhão Aliado. A tentar desalojá-lo, a Divisão de Solignac foi atacada pela brigada portuguesa às ordens do Coronel Collins, que integrava a Divisão do General Cole. Composta pelos Regimentos de Infantaria 11 e 23, empenhou 150 homens de cada Regimento, conseguindo deter o ataque francês daquelas tropas do 8º Corpo de *L'armée de Portugal*.¹⁴

Confronto de Torres Vedras

- Combate de Runa: 1 Novembro 1810

Na planície do Sizandro, as tropas francesas procuravam uma passagem para envolver o inimigo, porque se tinham apercebido que, nessa zona, não existiam posições fortificadas. Ao tentarem ultrapassar os campos e o rio depararam com tropas da Leal Legião Lusitana, que guarnecia essa zona, sob o comando Capitão Veloso Horta. Cento e cinquenta e oito homens foram envolvidos na refrega para travar o passo ao inimigo.¹⁵

3. Defesa militar em Torres Vedras¹⁶

Pontos Fortes

- **Defesa simples na época medieval** com um sistema fortificado na colina a Norte do arrabalde o atravessamento do Rio Sizandro era observado a partir do Castelo. A colina era fortificada e cá em baixo, a Sul, situava-se o Arrabalde. Nesta época havia uma coerência no sistema defensivo porque este situava-se agrupado com o casario que estava sob sua protecção. As distâncias de tiro permitiam controlar a posse da colina do castelo. Não havia comandamento militar a partir das alturas envolventes da fortificação da vila.
- **Seria dos mais importantes concelhos da região**, Torres Vedras, devido à sua situação geográfica sobre a estrada costeira que ligava as povoações a Norte do Termo de Lisboa com a capital era das vilas mais desenvolvidas nesse eixo marítimo a Sul das Caldas da Rainha.
- **Maior cruzamento de estradas da zona**; ao controlar cinco eixos de progressão tornava-se militarmente importante. A estradas que convergiam em Torres

¹⁴ SEPÚLVEDA - “Mappas e relações [...]”. In *Id.* p. 251.

¹⁵ *Idem*

¹⁶ Pode consultar-se uma planta da vila de Torres Vedras em 1809 na Figura 5.

- **Vias em apoio da Potência Marítima;** Torres Vedras tinha importância como aglomerado para a potência marítima. Havia interesse em controlar a vila porque a posse desta garantia um maior apoio às necessidades da Esquadra Inglesa.
- **Ligar directo com o Sul da Estremadura;** a estrada costeira que passava por Torres e conduzia a Mafra ligava directamente com o sul da Estremadura. Este era o melhor caminho para alcançar S. Julião da Barra onde se situava a Esquadra Inglesa e os navios fretados para transportarem o Exército Aliado em caso de insucesso.
- **Na linha de retirada para o reembarque;** as estradas Torres/Mafra e Torres/Montachique/Mafra davam acesso ao caminho de retirada que passava pela Carvoeira e pelo Cacém, conduzindo directamente a S. Julião da Barra. As tropas postadas em Torres tinham melhores condições de efectuar uma defesa móvel.
- **Zona de morte, a Norte, imediata à vila;** a posse da Colina de São Vicente caso fosse garantida conferia uma grande vantagem ao ocupante do local porque este era um Ponto Importante. A zona de morte para quem viesse pelo eixo de progressão entre a Serra de Montejunto e o mar ficava na mira dos canhões postados nos redutos do Forte de São Vicente.

Pontos Fracos

- **Defesa complexa em 1810;** a defesa do nó de estradas era complexa porque a posição defensiva se fosse atacada por um contingente muito forte podia cair nas mãos do inimigo.
- **Rio, obstáculo para ambos os contendores;** o rio era um obstáculo traiçoeiro porque dava vantagem aos dois contendores. No caso de represamento do Rio Sizandro ou de uma grande inundação que levasse este rio a transbordar nas redondezas de Torres Vedras a vila ficava isolada das posições defensivas a norte, que a protegiam. Este aspecto não é referido por Jones
- **Último Distrito a ser reforçado em 1811;** Torres Vedras foi o último distrito a ser reforçado porque o itinerário costeiro não dava vantagem à potência continental, a França. No contexto das Linhas a sua posição foi considerada lateral não tendo sido feito qualquer esforço intenso de reforço das posições defensivas nas semanas que precederam a abordagem das Linhas pelo Exército Francês. Ao invés trabalhou-se intensamente na zona que a 6 de Outubro de 1810 passou a constituir o Distrito Militar de Alhandra.

- **Colina de S. Vicente comandar a Vila;** a Colina de São Vicente tinha especial interesse para a potência marítima porque a sua posse garantia a posse da vila de Torres Vedras. A decisão de fortificar esta posição terá sido tomada devido a esse factor, porque nada impedia a solução alternativa em que a defesa dos acessos a sul fosse feita na Serra da Vila, terreno muito forte que dava clara vantagem ao defensor.
- **“Pontos importantes” além do Sizandro;** o facto do ponto importante estar além Sizandro era uma grande fragilidade para a defesa da Vila.
- **Posições defensivas integradas na Vila;** as posições defensivas do Castelo e do Convento de São João integradas na zona envolvente ao casario fragilizavam a defesa porque a partir da Colina de São Vicente os dois locais indicados podiam ser neutralizados com artilharia.

Forças que guarneciam o Distrito Militar de Torres em 1810

Infantaria de Linha					
Região	Divisão / Brig. ^a Independente	Brigada	Comandante	Completo	Disponíveis
Ribaldeira	Div. do General Campbell (parte)	RI 8, LLL	Cor. Barão d' Eben	2327	2083
T.Vedras/ S.Sebast	Divisão do General Picton	RI 9, 21	Cor. C. Sutton	2190	1961
		RI (GB) 45, 60, 74, 88	Cor. Mackinnon	1681	1681
		RI (GB) 5, 83, 94	Gen. Colville	1655	1655
T.Vedras	Brigada Portuguesa Indep.	RI 6, 18 Caç 6	Brig. A. Campbell	2717	2442
	Brigada Portuguesa Indep.	RI 7, 19 Caç 2	Brig. Coleman	2462	2196
Retag. ^{da} T.Vedras	Duas Divisões espanholas	-	Marquês de La Romana	8000	8000
Total				21032	20018

Região	Milícias	Comandante	Completo	Disponíveis
T. Vedras	Lisboa Oriental	Cor. Marcellino J. Manso	539	485
	Lisboa Ocidental	Cor. Marcellino J. Manso	728	659
	Setúbal	Cor <i>Vizc.</i> Souto de El-Rei	544	472
	Alcácer do Sal	Cor João Inf.te de Lacerda	689	615
Total			2500	2231

Região	Artilharia	Comandantes	Completo	Disponíveis
T. Vedras	Linha	Cap F.co J. V. Barreiros	164	150
	Ordenanças	IDEM	271	248
TOTAL			435	398

O Distrito Militar de Torres Vedras em 1814 ¹⁷

A defesa de Torres Vedras em Outubro de 1810 estava limitada na prática ao nó de estradas que agarrava o núcleo da vila. Os terrenos muito fortes a sudeste na Serra da Archeira não tinham qualquer obra defensiva e se fossem tomados pelo adversário constituiriam uma enorme ameaça. Wellington tomou consciência desse perigo. As posições de Alhandra tinham-se tornado mais fortes nas últimas semanas, e a posição Sobral de Monte Agraço era bastante forte por si própria. A defesa do distrito de Torres Vedras estava garantida na vila, mas a sua direita e a sua esquerda tinham uma grande fragilidade.

1. **A Direita - 26, 128, 129, 130, 149, 150 - Defesa da Ribaldeira à Ordasqueira;** foram construídas sumariamente posições defensivas para garantir o controle do Vale do Sizandro na zona a sul de Runa, Dois Portos e Ribaldeira. Uma bateria de tiro instalou-se nos morros próximo da Portela da Ribaldeira para controlar a estrada que conduzia à zona da Enxara do Bispo. Foram também construídos dois fortes no extremo noroeste (130) e sudeste (128) da Serra da Archeira para controlar a linha de alturas da serra. Mais tarde foi construído o Forte 129 num ponto central da serra.
2. **O Centro - 25, 27, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 149 - Defesa do nó de Estradas;** este conjunto manteve-se sem alterações em relação à obras iniciais depois do frente a frente no final de 1810 com excepção do *Forte 149* construído na Ordasqueira para complementar a frágil defesa que aí era assegurada pelo Forte 26.
3. **A Esquerda - 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 147, 148, 138, 30, 139, 140, 31, 141, 142, 143, 144, 32, 145, 111, 146, 112, 113 - Defesa das passagens do Sizandro;** partindo de uma situação inicial em que somente três fortes defendiam as passagens do Rio Sizandro, a esquerda de Torres foi reforçada em duas campanhas. No início do Verão de 1810 foram construídos os Fortes 111, 112 e 113 para reforçar o troço final da esquerda, a partir de S. Pedro da Cadeira até à foz do Sizandro. Em 1811 iniciou-se na Primavera uma nova campanha para tentar reduzir a vulnerabilidade da 1ª Linha de Defesa no troço entre Torres Vedras e o mar. De facto no Verão quando o rio Sizandro tinha um caudal mínimo, as penetrante para sul do Vimeiro junto à costa podiam permitir o acesso a Mafra, evitando a passagem por Torres Vedras. Esse estudo tinha sido conduzido pelo Ten. Cor. Fletcher e constava da carta enviada em Janeiro de 1810 a Wellington.

¹⁷ A estrutura final das Linhas é considerada referida a 30 de Maio de 1814, quando a responsabilidade passa para Portugal.

4. Identidade das Linhas em Torres Vedras ¹⁸

O Distrito Militar de Torres centrava a sua resistência no nó de estradas na vila, mas foi muito reforçado depois do confronto. Em 1814 integrava já a direita que, durante algum tempo, tinha sido considerada como um Distrito Militar da Zibreira à Caduceira,¹⁹ com o número 3. Nesse ano, a esquerda estava dada como concluída, embora tenha ficado inacabada, com muitas paliçadas por colocar. Operacionalmente, o Distrito funcionava com um ponto forte, na zona central, e duas alas laterais com alguma fragilidade.

A mais forte referência em relação a Torres Vedras é tomada, correntemente, pelo *Forte de S. Vicente*. Este está próximo da vila, é de fácil acesso e foi reconfigurado em sucessivas campanhas de obras, promovidas pelo Exército Português. Soldados-recrutas do Regimento de Engenharia 1 fizeram turnos, durante cinco anos, até à conclusão dos trabalhos.

Iniciada em 1957, na sequência visita da Rainha de Inglaterra a Portugal, que não pôde deslocar-se ao forte porque este tinha praticamente desaparecido, a reconfiguração apresenta-nos uma imagem que nunca terá existido. A aplicação dos revestimentos em pedra parece exceder as áreas originais. Só com um trabalho de investigação mais aprofundado se poderá avaliar a qualidade da intervenção. Aparentemente, o trabalho parece-nos ter sido muito intrusivo. Em qualquer circunstância, temos que tomar em consideração o espírito de uma época em que a Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais fazia intervenções pesadas.

Ao Coronel Eduardo Baptista deve-se o mérito deste trabalho, sem esquecer o papel da Direcção da Arma de Engenharia e do Comando do Exército de então.

5. Conclusões

- O Distrito Militar de Torres Vedras foi fortificado na sua zona central, onde se situa a vila, dando prioridade às Posições Defensivas que estavam além do Sizandro: *S. Vicente, Olheiros e Forca*.
- Seguiu-se a construção dos outros fortes que complementavam a defesa da vila: *S. João, Ordasqueira e Castelo*.
- Terminada a defesa do nó, construíram-se os fortes 30, 31 e 32, que controlavam as passagens do rio no troço final do Sizandro.
- No Verão de 1810, reforçou-se a defesa próximo da Foz, com os fortes 111, 112 e 113.
- Quando se dá o frente-a-frente do Exército Aliado com o Exército Francês, Torres Vedras manteve-se como uma vila à margem do conflito.
- Sendo então o Distrito Militar número 1, o seu controlo era mais importante para a potência marítima do que para a potência continental.
- Mafra manteve-se como zona de retaguarda de grande importância logística por estar liberta de um empenhamento operacional na sua frente.

¹⁸ Vejam-se algumas fotografias dos trabalhos de reconfiguração no *Forte S. Vicente* nos anos 50 e 60 do século XX.

¹⁹ JONES, John - *Id.*, p. 95.

Imagens, quadros e fotografias

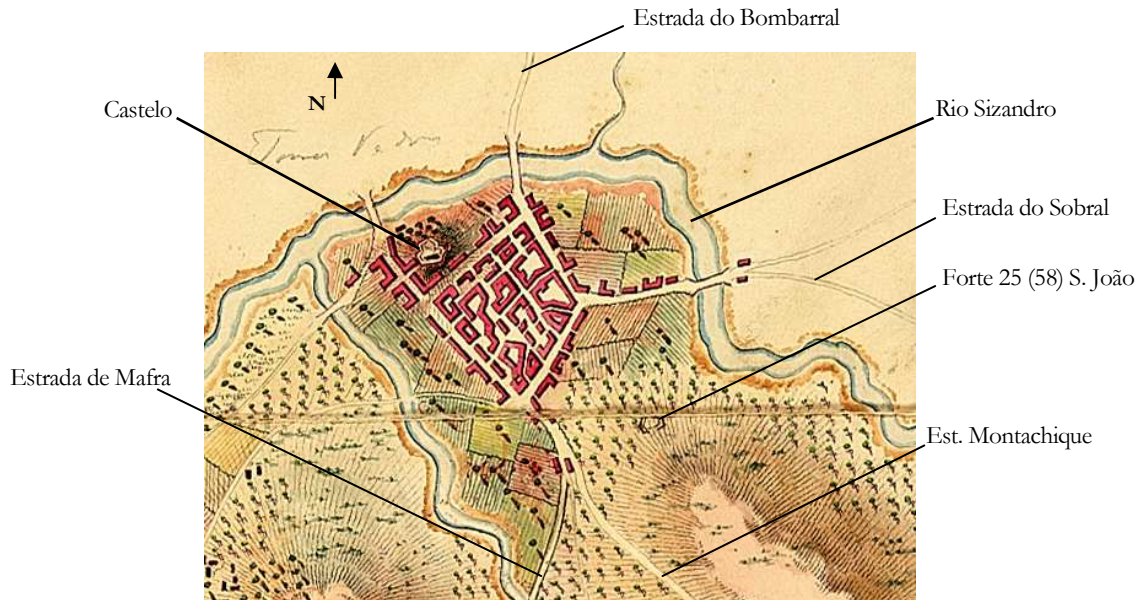


Figura 1 - Escola do Exército - Reconhecimentos Militares Executados pelos Alunos nos Anos de 1853, 1854, 1855, 1857 e 1858.
Desenho nº 1.

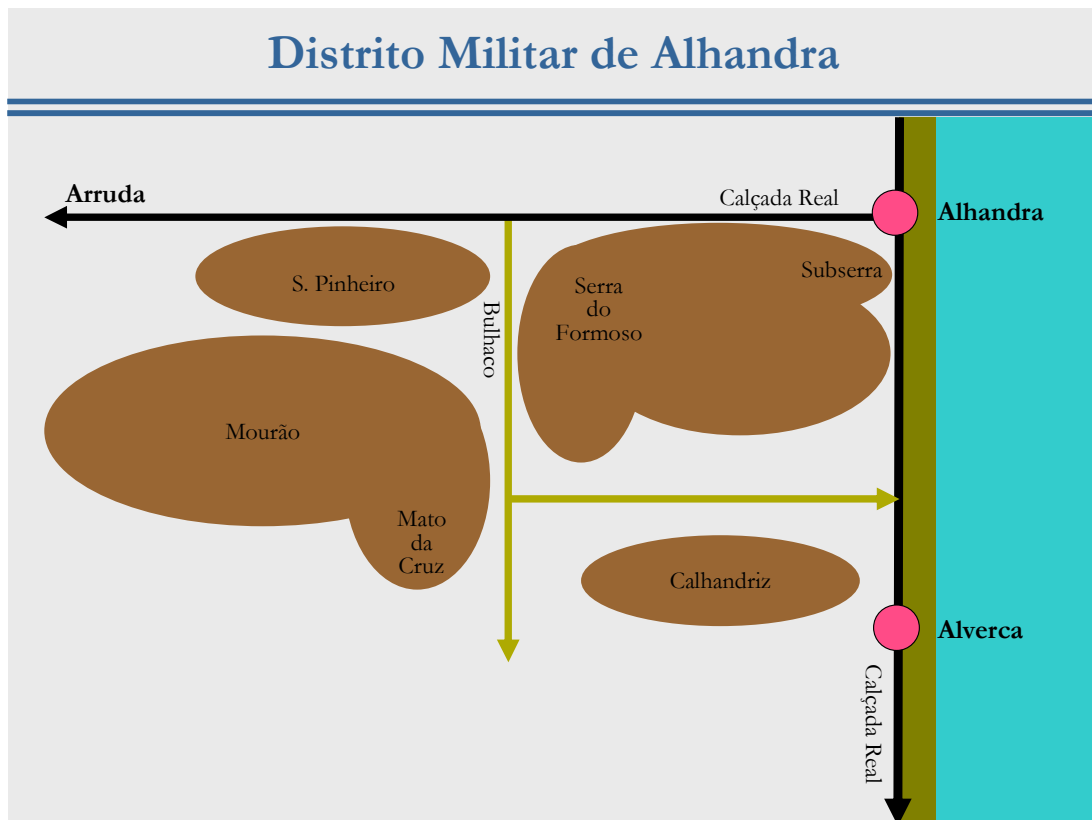


Figura 2

Distrito Militar do Sobral

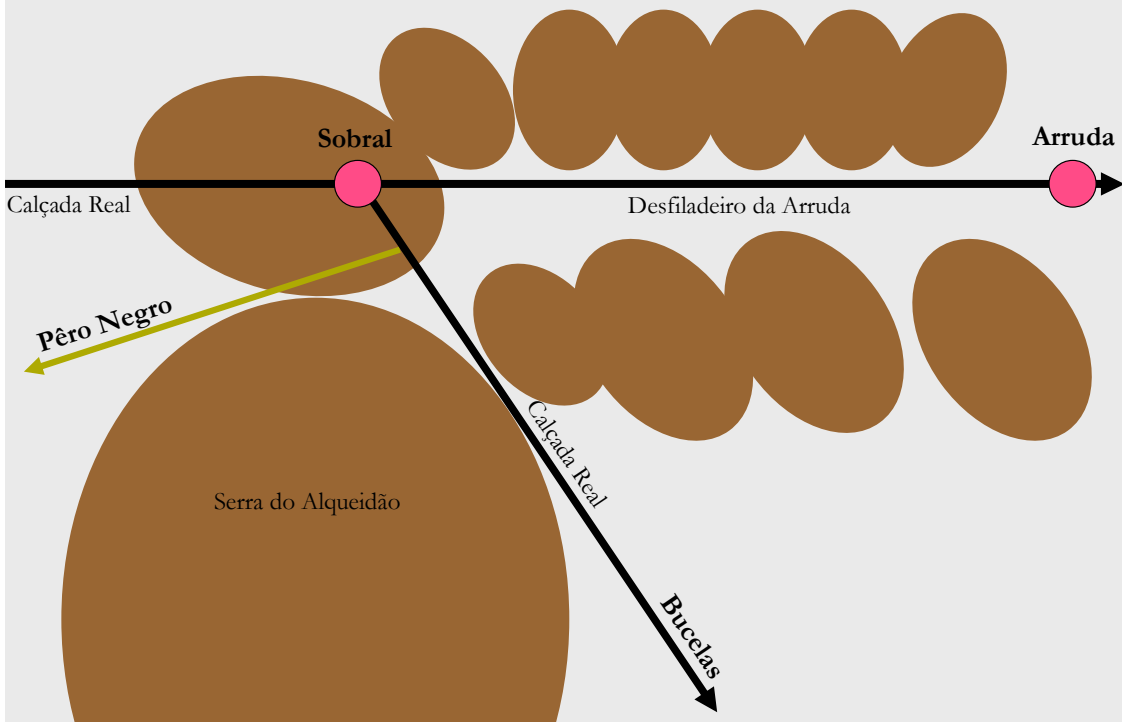


Figura 3

Distrito Militar de Torres Vedras

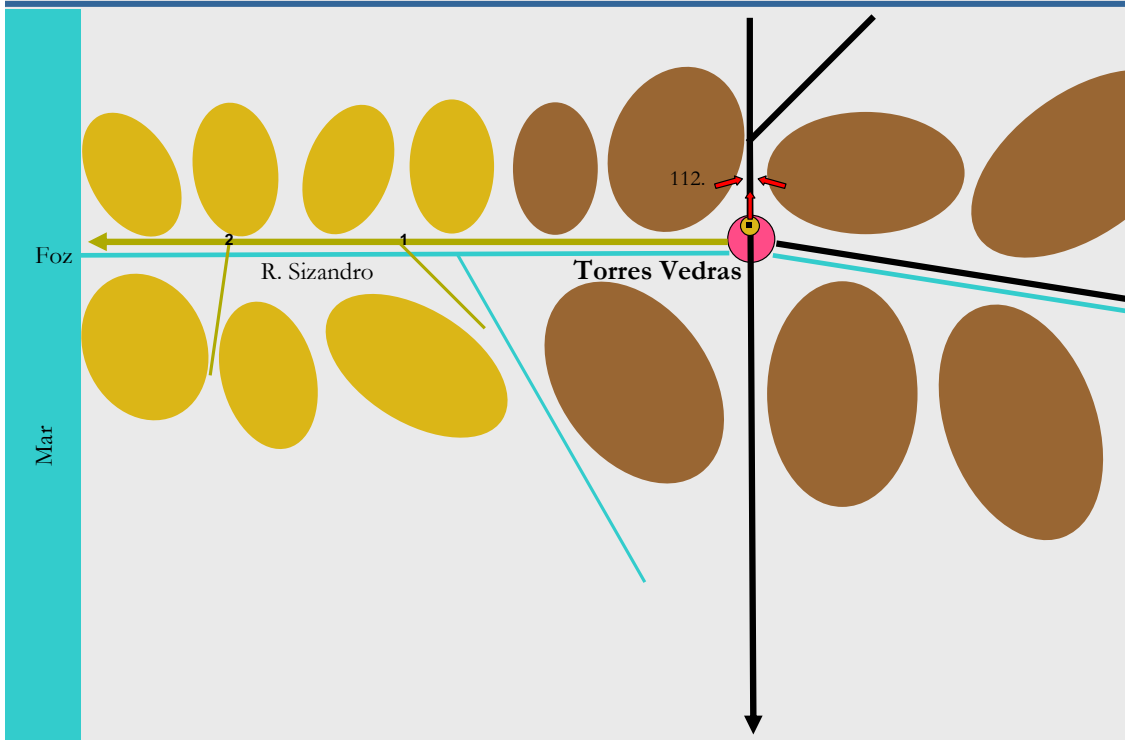


Figura 4

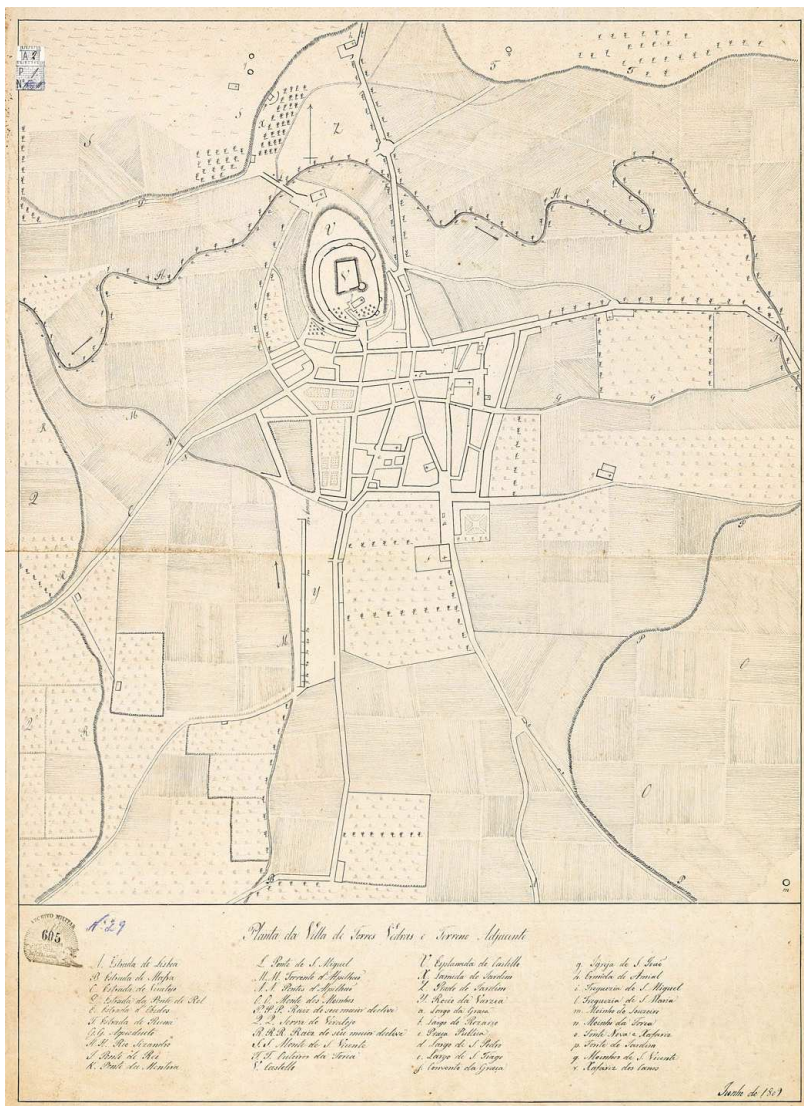


Figura 5 - Torres Vedras em Junho de 1809.



Reintegração do Forte de São Vicente (1957-1962)
 O forte adquiriu uma imagem que nunca teve, na busca duma perenidade física

Figura 6 - Aspectos dos trabalhos do Coronel Baptista e do Regimento de Engenharia 1.